

Josiane Franken Corrêa
Débora Souto Allemand
Organizadoras

Dança na escola

Pedagogias possíveis de *sôras* para *profes*



OKOS
EDITORA

Josiane Franken Corrêa
Débora Souto Allemand
Organizadoras

Dança na escola
Pedagogias possíveis
de sôras para profes



São Leopoldo
2021

© Dos autores – 2021

Editoração: Oikos

Capa: Gustavo de Oliveira Nunes

Ilustrações: Gustavo de Oliveira Nunes

Revisão: Rui Bender

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Rotermond

Conselho Editorial (Editora Oikos)

Antonio Sidekum (Ed.N.H.)

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Unisinos)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)

Marluza M. Harres (Unisinos)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fernet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

D173 Dança na escola: pedagogias possíveis de *sôras* para *profes.* / Organizadoras: Josiane Franken Corrêa e Débora Souto Allemand. – São Leopoldo: Oikos, 2021.
144 p.; il.; 14 x 21 cm.
ISBN 978-65-86578-62-1
1. Dança na escola. 2. Dança – Educação básica. 3. Prática pedagógica em Dança. 4. Docência em Dança. I. Corrêa, Josiane Franken. II. Allemand, Débora Souto.

CDU 793.3:37

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

EU FIZ E FUNCIONOU!:

anos finais do ensino fundamental e ensino médio

Carolina Pinto

Débora Souto Allemand

Giovana Consorte

Jeferson de Oliveira Cabral

Josiane Franken Corrêa

Juliana Coelho

Karen Tolentino de Pires

Manoel Gildo Alves Neto



Dança da natureza – Prof^a Juliana Coelho

Para o desenvolvimento dessa atividade, a professora deve ter imagens de mar, de cachoeira e de efeitos do vento, que possam ser visualizadas pelos(as) alunos(as) de alguma forma (impressas, no celular ou projetadas em aparelho multimídia). No caso de não ser possível utilizar esse material, pode-se iniciar fazendo um trabalho de rememoração visual, solicitando que a turma imagine tais elementos (por exemplo: imaginar que está no mar, imaginar que uma ventania carrega seu corpo e limpa tudo a seu redor, etc.). Esses elementos da natureza remetem a algumas orixás femininas, como Iemanjá (mar/águas salgadas), Oxum (cachoeira/água doce) e Iansã (vento). Depois de disponibilizar a visualização das imagens à turma, a professora pode acrescentar músicas que façam conexão com a temática da aula e orientar um momento de improvisação de movimentos através da indicação de ações como: “Imaginem um mar calmo e azul. Que movimento poderia representar isso?” ou “Na imagem que vimos, como estavam as ondas do mar? Podemos mover-nos como elas?”.

Antes de trabalhar com os elementos da natureza que estão ligados a orixás, cada professora pode fazer sua própria pesquisa, levando em consideração que, apesar dessa atividade não trabalhar com a reprodução de movimentos de cada orixá – que também é uma possibilidade –, está tratando das forças naturais que estão envolvidas com elas, e isso merece atenção e cuidado especialmente ao tratarmos da cultura afro-brasileira em contextos escolares.

Durante o processo criativo, é importante que a professora observe a resposta de movimentos e criação dos(as) alunos(as), incluindo desafios de acordo com os objetivos da

aula e instigando os alunos em suas improvisações, provocando-os para criar a partir de ações de movimento. Por fim, pode-se reunir a turma para conversar sobre as qualidades de movimento originadas no estudo de cada um dos elementos, fazendo uma síntese conjunta do que foi produzido em aula.

A professora pode avaliar o nível de aproximação e conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira de sua turma e assim contemplar uma reflexão abordando a relação com os orixás e o respeito pelas religiões de origem afro-brasileira.

Relato docente:

Eu já realizei essa atividade inúmeras vezes e com diferentes grupos, especialmente com estudantes de anos iniciais e finais do ensino fundamental. Essa atividade foi experimentada com alunos(as) que já compreendiam um pouco do trabalho de improvisação e sobretudo relacionado a natureza/“orixás” e também vivências com alunos(as) que nunca haviam participado de aulas formais de dança, tampouco experimentado a ideia de dançar a partir dos elementos da natureza. Para mim, essa atividade é uma importante possibilidade de aproximação com as danças afro-brasileiras, pois considero um ponto de partida interessante iniciar um trabalho de estudos sobre a(s) dança(s) dos(as) orixás.

Nessas danças existem aspectos que se relacionam com religiões de matrizes africanas; muitas vezes, as práticas religiosas dessa vertente ainda são encaradas de forma preconceituosa em nossa sociedade, o que reforça a importância da reflexão junto aos(as) estudantes. A professora deve provocar questionamentos na turma: aprender uma dança que tem origem em cultos religiosos significa cultuar uma religião mesmo fora do ambiente original? Qual é a diferença entre a dança na religião e a

dança em espaços cênicos? Qual é a contribuição cultural dessas danças para a constituição dos nossos costumes e crenças?

Para fazer em casa:

Para desenvolver essa atividade no ensino não presencial, sugere-se a realização de, no mínimo, três reuniões on-line, em que cada encontro será dedicado a apenas um dos elementos da natureza. Dividir de forma que cada elemento da natureza seja trabalhado separadamente para não acarretar a sobrecarga de informações. Os estímulos podem ser realizados por meio de visualidades (com imagens compartilhadas na plataforma de aula), por meio da oralidade (palavras que remetem ao tema), por meio de sons (retirados da internet ou produzidos em casa), que serão disponibilizados ou instigados pela professora. Como os(as) alunos(as) estão em suas casas, é possível também solicitar a utilização de objetos para auxiliar na criação do movimento, por exemplo uma bacia, com a ideia de banhar-se nas águas da mesma, um lenço que irá remeter à ideia de movimento, vento, etc.

Histórias de adivinhar com o corpo

– Prof^ª Giovana Consorte

A professora deve dividir a turma em grupos de cinco ou mais pessoas e, após, solicitar que cada grupo construa uma narrativa curta, envolvendo as seguintes personagens: rainha, princesa, soldado, louco e aldeão. Os gêneros das personagens são flexíveis, ficando a critério dos grupos. Caso os coletivos sejam compostos por seis ou mais pessoas, é possível duplicar as personagens. Cada grupo deve construir quatro imagens es-

táticas, que contenham a progressão da narrativa inventada. É interessante que os(as) alunos(as) busquem trazer para o corpo a efervescência dos fatores de movimento de Laban, peso e espaço¹, sem esquecer o engajamento do olhar e sua reverberação na construção do corpo como um todo. No primeiro momento da atividade, a turma só deve ver as imagens em pausa; durante a troca de posição dos grupos, os(as) demais colegas devem manter os olhos fechados. Após a apresentação de cada grupo, cabe à turma compartilhar o que entendeu da narrativa apresentada e apontar quais integrantes do grupo deram vida a cada papel preestabelecido.

Depois de todos os grupos terem apresentado suas produções, a professora deve conduzir o debate apontando, com a colaboração dos(as) estudantes, as qualidades de movimento que estavam presentes nas imagens compostas. Pode também indicar quais as qualidades de movimento que poderiam ter sido melhor trabalhadas para facilitar o reconhecimento dos personagens, por exemplo, provocando os(as) alunos(as) a construir seus entendimentos sobre a expressividade do corpo mesmo em estado de pausa. Após o debate, os grupos deverão repetir a experimentação da atividade, atentos à seguinte alteração: a ligação entre uma imagem estática e outra deve ser feita a partir de uma improvisação em deslocamento, considerando as qualidades de movimento que devem pautar o desenvolvimento de cada personagem. No final da atividade, é interessante que a professora proponha um momento de conversa sobre a vivência, ressaltando as diferenças observadas nos dois

¹ A categoria de Laban chamada de Expressividade é voltada para “como” o indivíduo se move em relação a quatro fatores básicos: fluxo, peso, tempo e espaço, isoladamente e em suas múltiplas combinações.

momentos propostos e chamando a atenção para o corpo – visual e movente – como protagonista do experimento.

É possível também variar as personagens preestabelecidas para possibilitar a construção de outras histórias; no entanto, a escolha deve contemplar personagens com características de movimento bastante distintas para favorecer a organização corporal dos(as) alunos(as) em estado de composição e facilitar a percepção da turma acerca dos fatores de movimento e sua materialização no corpo.

Relato docente:

Eu costumo realizar essa atividade com adolescentes e adultos(as) com o objetivo de vivenciar a expressividade proposta por Laban para a construção de personagens, mas é possível propor a qualquer público quando deslocamos o objetivo para a construção de narrativas. A ideia de recheiar a imagem estática do corpo para além dos contornos da forma assumida é uma ferramenta bastante potente para refinar os trabalhos em dança e teatro.

Para fazer em casa:

– em grupos:

Os(as) alunos(as) podem realizar a construção da narrativa a partir da montagem de fotos previamente produzidas. Dessa forma, a atividade pode ser realizada de forma totalmente remota, sem a necessidade de um encontro on-line simultâneo da turma. Para que esse formato funcione, é necessário imaginar uma narrativa que se desenvolva sem contato físico entre as personagens.

– **individualmente:**

Nessa proposição, é possível realizar a atividade sem a construção da narrativa, preservando apenas a ideia de desenvolvimento individual de personagem. Mantêm-se as quatro imagens estáticas, unidas por momentos de improvisação. Se a turma for numerosa, é possível dividi-la durante a realização da atividade para que os(as) alunos(as) tenham a oportunidade de realizar a experimentação e também observar os(as) colegas. É possível também duplicar as personagens e realizar uma espécie de jogo da memória, no qual os(as) alunos(as) que observam tentam descobrir os “pares” de cada personagem.

Feminino cotidiano – Profª Juliana Coelho

Inicialmente, a professora deve instigar a turma a observar as mulheres de sua família ou de seu convívio diário e perceber se há e quais são as movimentações recorrentes entre essas mulheres. A professora investe em questionamentos para a turma: O que essas mulheres costumam fazer em suas casas? Quais são os movimentos que se repetem? Utilizam acessórios considerados “femininos”? Qual é o significado de “feminino” para elas? Quais são suas preferências (cor, comida, atividade de lazer)? Como se vestem? Essas mulheres trabalham em casa? É possível perceber estados de ânimo e sentimentos na observação dos gestos cotidianos? Como enxergamos tudo isso através do olhar da dança?

Posteriormente, em roda de conversa, essas curiosidades e descobertas podem ser compartilhadas oralmente com os(as) colegas da turma. A partir daí, em colaboração com os(as) par-

ticipantes, a professora pode explorar possibilidades de criação e composição coreográfica, suscitando inúmeros desdobramentos, tal como exposto na atividade “Videoclipes” (p. 70), em que há um momento para a imitação e repetição de movimentos e, então, a transformação conforme os objetivos da aula. Um cuidado importante por parte da professora é estimular a observação de detalhes que não estão “escancarados” na movimentação dessas pessoas, mas que se mostram através de sutilezas de movimento, que podem ser entendidas como uma “assinatura corporal” da família.

Relato docente:

Realizei essa atividade com alunas dos anos finais do ensino fundamental na faixa etária entre 11 e 13 anos de idade e percebi que o mais interessante foi aquilo que extrapolou as movimentações, ou seja, as reflexões que partiram daqueles movimentos e do cotidiano das mulheres observadas. A turma foi capaz de problematizar as questões ligadas ao universo feminino, assim como identificar características e gostos que foram aproveitados para atividades compositivas. Uma flor acabou se tornando um “objeto cênico”, algo importante no desenvolvimento da criação em função de uma das mulheres apreciar o cuidado de flores e plantas em casa. As estudantes também realizaram pesquisas sobre assuntos relacionados a abuso e violência em casa, mulheres com remuneração menor no mercado de trabalho, entre outras temáticas que levantaram e trouxeram discussões bem interessantes para o grupo.

Para fazer em casa:

Essa atividade pode ser realizada de forma similar à proposta presencial e, aproveitando que estão em casa, os(as) estudantes podem agregar à criação elementos como roupas ou objetos utilizados pelas mulheres no seu cotidiano. As questões que irão basear a observação por parte da turma podem ser realizadas em encontros on-line ou por meio da disponibilização de material impresso. Depois do momento de criação e organização coreográfica, pode-se pensar na elaboração de elementos cênicos, como figurino, por exemplo, tendo sua própria casa como cenário da atividade. O resultado criativo da atividade pode ser compartilhado através da gravação de vídeo ou da apresentação em tempo real em reunião on-line.

Corpos diversos – Prof^a Débora Souto Allemand

Previamente, a sala deve ser preparada com a distribuição de cartões de papel colorido, a serem colados de modo temporário nas paredes, nos móveis e no chão. A atividade inicia com uma caminhada observando o espaço, para que os(as) alunos(as) percebam os elementos novos que foram colocados na sala. O aquecimento pode ser realizado nesse momento da caminhada com a professora orientando a movimentação de diferentes partes do corpo. Pode-se trabalhar com velocidades e formas de deslocamento junto com a atenção ao espaço, propor movimentações improvisadas com níveis espaciais e ir inserindo pausas com movimentações de alongamento já conhecidas ou não. Pode-se inserir diferentes ações corporais (saltos, giros, contração, expansão, etc.) quando o olhar do(a) jogador(a) cruzar com algum objeto que exista na sala ou com alguma cor

dos cartões. O *viewpoints*² é uma boa inspiração para essa proposta, e os desdobramentos são incontáveis.

Após o aquecimento inicial, a atividade começa com uma caminhada e, quando a professora der um sinal (a critério da docente), os(as) jogadores(as) devem parar onde estão. A professora irá indicar três partes do corpo e três cores presentes nos cartões, e o(a) jogador(a) deve apontar cada parte do corpo para cada cor de cartão indicada, formando uma “pose estranha”. Por exemplo: cotovelo direito para cor azul, pé esquerdo para cor preta e topo da cabeça para cor rosa. Se tiver uma grande quantidade de cartões e o(a) aluno(a) enxergar mais de um cartão rosa, por exemplo, ele(a) pode escolher para qual cartão apontar a cabeça.

Assim como no aquecimento, as variações do exercício são muitas e podem ser experimentadas com a turma. Depois dessa exploração inicial, a professora pode pedir aos(as) alunos(as) para que relembrem algumas das poses, fazendo-as novamente. Pode-se pedir que eles(as) façam a mesma pose em outro espaço da sala, e pode-se trabalhar com a união de três poses, em que eles(as) tenham que criar o movimento da trajetória entre uma pose e outra. Outra sugestão de desdobramento é o trabalho em duplas com a criação de uma sequência coreográfica a partir das poses dos(as) dois(duas) colegas, in-

² *Viewpoints* é uma técnica de improvisação iniciada por Mary Overlie e sistematizada por Anne Bogart e Tina Landau na década de 1970 no contexto da arte pós-moderna americana da Judson Church. No *viewpoints*, busca-se uma arte que se origina de atividades em tempo real a partir de “decisões internas, estruturas, regras e problemas” (BOGART; LANDAU, 2017, p. 22). Para isso, a estratégia de composição dá-se através de elementos de tempo e espaço com “pontos de atenção de que o performer ou criador faz uso enquanto trabalha” (idem, p. 26).

serindo a composição coreográfica e podendo variar níveis, deslocar pela sala, pensar nas trajetórias entre uma pose e outra, variação de velocidade, enfim, diversificar as qualidades de movimento.

Relato docente³:

Eu já realizei essa atividade em vários espaços e com faixas etárias distintas desde o 4º ano do ensino fundamental até alunos(as) da graduação em Dança. É muito divertida para as crianças e uma ótima maneira de produzir material para a criação coreográfica, pois surgem formas corporais muito diversas. Justamente por isso é muito comum que os(as) alunos(as) não lembrem exatamente como foi a pose realizada na hora em que pedimos a eles(as) para refazer; então eles(as) podem tentar rememorar indo até o espaço da sala onde pararam e lembrando novamente as cores e partes do corpo que foram indicadas. Mas podem decidir também, individualmente, quais serão as cores e partes do corpo para criar uma nova pose. O que importa é incentivar os(as) alunos(as) para a se colocarem em posições incomuns. Uma curiosidade que aconteceu quando eu fiz com alunos(as) menores na educação infantil, por exemplo, o que aconteceu foi que eles(as) não apontavam a parte do corpo para o cartão e, ao invés disso, iam até o cartão com a cor indicada e encostavam nele, o que pode gerar novas formas de criação.

³ Inicialmente, tomei como referência a atividade “Formas do corpo na sala de aula”, de Maria Falkembach (FERREIRA; FALKEMBACH, 2012, p. 76), mas, desde a primeira vez que a propus, fui transformando-a conforme julguei necessário.

Para fazer em casa:

É possível fazer essa atividade em casa, utilizando objetos e elementos comuns na maioria dos espaços domésticos (como cadeira, geladeira, armário, fogão, porta, janela, plantas, etc.) no lugar dos cartões coloridos. Previamente, a professora selecionará imagens desses objetos, que serão enumeradas e, inicialmente, não serão mostradas aos(às) alunos(as). Então, estando em contato síncrono, professora e aluno(a), via *whatsapp* ou através de videoconferência, escolherão um cômodo da casa para realizar as poses. Quando estiver pronto(a), o(a) jogador(a) dirá qual parte do corpo foi escolhida e escolherá um número. Esse número corresponde a um objeto; então a professora dirá qual é esse objeto, e o(a) aluno(a) terá que apontar a parte do corpo escolhida para o objeto, que, mesmo que não esteja à vista, estará em outro cômodo da casa, e irá trabalhar com sua noção espacial para realizar a pose. Após isso, o(a) jogador(a) escolhe a segunda parte do corpo e diz um número, e assim sucessivamente. Com a pose final montada, o(a) aluno(a) poderá solicitar que alguém tire uma foto para que a pose seja lembrada mais tarde, podendo ser utilizada em montagens de composição coreográfica em atividades presenciais ou não. Caso não seja possível realizar a atividade através de reunião on-line ou por telefone ou mesmo por áudios no *whatsapp*, o(a) jogador(a) poderá contar com o apoio de alguém que esteja com ele(a) no mesmo ambiente para indicar os objetos enumerados.

Labirinto de mesas – Profa. Carolina Pinto

Antes de iniciar a atividade, a turma precisa criar um labirinto na sala de aula com as mesas e cadeiras. Num primeiro momento, solicita-se que os(as) alunos(as) caminhem pela sala, entre as mesas, a fim de se concentrar, e a professora indica que mantenham o olhar longe (olhando para o horizonte) e deslocando-se em linha reta em função das mesas (a disposição das mesas e cadeiras acaba desenhando uma espécie de “grade” no espaço da sala). Após, orienta-se que a movimentação seja realizada a partir de um estímulo que vier do(a) outro(a), por exemplo, o simples fato de alguém passar por perto, pela frente, pode gerar no(a) colega uma mudança de direção, a execução de pausas ou uma aceleração da caminhada.

Num segundo momento, a professora passa a desenvolver uma contagem rítmica (ex.: oito tempos) para o deslocamento dos(as) alunos(as), solicitando que no tempo “oito” façam um giro de 180°, continuando seus deslocamentos para o lado oposto ao que estavam se deslocando. Nessa parte da atividade, quando estiver bem assimilada a contagem, pode-se incluir algum estímulo musical. Por fim, propõe-se que, no tempo “quatro”, por exemplo, o(a) participante faça um movimento de braço, podendo ou não repetir o movimento toda vez que passar o tempo quatro. Como variação, pode-se incluir outros desafios: agachar-se num tempo; fazer um movimento específico quando parar na frente de um(a) colega; entre outras possibilidades. Essa atividade assemelha-se a exercícios propostos no *Viewpoints*.

Relato docente:

Realizei essa atividade em uma das minhas primeiras aulas com uma turma de 8º ano, com a faixa etária entre 13 e 14

anos de idade, numa escola de turno integral da zona rural, onde as turmas são compostas, em média, por 20 alunos(as). Os(as) estudantes, aparentemente, desde as primeiras aulas, mostraram-se muito motivados(as) para ter aulas de dança, igualmente meninos e meninas. Essa atividade foi realizada como uma proposta inicial para conhecer a turma, percebendo então como esses(as) jovens se movimentavam e interagem. Nas experiências que tive com a atividade, percebi que os(as) participantes costumam ficar intrigados(as), questionando: “vamos dançar com as mesas assim?!”. A turma do 8º ano, achou divertido o desafio de tentar não esbarrar nas mesas, de cuidar para não tocar uns(umas) nos(as) outros(as), de fazer as tarefas e acertar, pois era uma turma com jovens competitivos(as); eles gostaram quando coloquei uma música de *rap* para acompanhar.

Para fazer em casa:

Inicialmente, a professora deve solicitar que os(as) alunos(as) executem algumas tarefas. A primeira tarefa será realizar a construção de um labirinto com objetos de sua casa para fazer a simulação de uma trajetória dentro do espaço disponível (sala, quarto, corredor, pátio ou outro). Aqui se pode incentivar o exercício da criação, fazendo com que tirem uma foto de como ficou seu “espaço cênico” ou “cenografia”. Após, devem experimentar diversas movimentações nas trajetórias possíveis e escolher um trajeto com início, meio e fim. Por fim, é possível selecionar algumas movimentações e filmá-las para compartilhar com a turma, até mesmo com a ideia de um(a) colega reproduzir a movimentação do outro, tendo que se adequar ao próprio espaço. A professora pode dar ênfase a algumas questões, como: as criações e experimentações de movi-

mentos devem buscar uma relação com os objetos encontrados pelo caminho (estímulo externo), e o espaço deve ser percebido com atenção para compreender como esse interfere na movimentação (como me movo em um espaço pequeno, grande, apertado, largo, etc). O compartilhamento das criações pode acontecer em grupos via *whatsapp* (três alunos(as) compartilham entre si) ou de alguma forma que seja mais interessante para a turma. Caso os(as) alunos(as) tenham dificuldades de acesso à rede de internet ou falta de equipamentos para gravar um vídeo, podem solicitar o auxílio de alguém da família para tirar fotos e criar uma montagem (nesse caso, outro(a) colega com mais facilidade de acesso à internet pode auxiliar).

Auto-corpo-escola – Prof^a Josiane Franken Corrêa

Em duplas, uma das pessoas fecha os olhos, e a outra, de olhos abertos, posiciona uma das mãos de forma espalmada no meio das costas do(a) colega. Uma pessoa será a condutora da outra. Regras da atividade: enquanto o(a) condutor(a) estiver com a mão em contato com o meio das costas, o(a) conduzido(a) deve caminhar para a frente; quando o(a) condutor(a) tirar a mão das costas, é hora de parar imediatamente; quando o(a) condutor(a) tocar no ombro direito, o(a) colega deve direcionar-se para a direita e, quando tocar no esquerdo, direcionar-se para a esquerda. Com essas regrinhas, forma-se um campo de aprendiz em “corpo-escola”. Pensando na ideia de auto-escola, treina-se primeiro com o(a) conduzido(a) de olhos abertos, realizando uma simulação. À medida que os(as) participantes começarem a sentir confiança, quem está na frente mantém os olhos fechados e pode, junto

com sua dupla, acelerar o passo e inventar novas regras. Depois, condutor(a) e conduzido(a) trocam de posição. É importante verificar se o espaço tem algum perigo para os(as) estudantes que fecharão os olhos. Pode-se vender os olhos com tecido. Se a turma for grande, deve-se separá-la em dois grandes grupos. Um grupo faz a atividade, e o outro faz uma “corrente” ao redor, delimitando o espaço, protegendo os(as) colegas de paredes e outros perigos da sala, como também observando aspectos criativos que ocorrem na atividade. Com crianças menores sugere-se investir em “ruas de trânsito” desenhadas no chão, assim como placas e sinaleiras que podem ser confeccionadas pela professora ou em conjunto com a turma.

Relato docente:

Uma atividade similar a esta eu aprendi em uma aula da professora Lenira Rengel⁴, em 2008. Com minhas adaptações, já desenvolvi o exercício tal como descrevi com turmas a partir do 3º ano do ensino fundamental. Como é uma prática que envolve certo risco, sinto maior facilidade em perceber características individuais e “estados de ânimo” que pairam na sala no momento da aula. É perceptível que certos(as) alunos(as) se arriscam mais, até mesmo de forma perigosa; já outros são mais contidos(as); alguns(mas) demonstram ter extremo cuidado com o(a) colega que estão conduzindo, e outros parecem mais desapegados, querendo dar maior liberdade de movimentação à dupla. Identificar as diferentes condutas durante a aula de dança dá-nos a oportunidade de entender um pouquinho mais a visão de mundo do(a) educando(a). Além disso, questões cor-

⁴ Atividade desenvolvida no Curso de Especialização em Corpo e Cultura: ensino e criação da Universidade de Caxias do Sul.

porais como equilíbrio, lateralidade, confiança no corpo do(a) outro(a) também propiciam um diagnóstico da turma em relação aos estudos já realizados até então.

Para fazer em casa:

Essa atividade pode ser desenvolvida com as famílias dos(as) estudantes. Sugere-se que a professora elabore uma cartilha com instruções objetivas do passo a passo da atividade, que pode ser disponibilizada de forma impressa ou via internet, porém sem a necessidade de realizar um encontro síncrono com os(as) alunos(as). A cartilha pode estabelecer relação com a metáfora já utilizada, ou seja, pode remeter a uma cartilha de leis de trânsito.

A proposta é divertida e exige habilidades corporais que a maioria das pessoas adquire naturalmente ao longo da vida. No caso do ensino de dança, o objetivo e o foco da atividade são voltados a conhecimentos específicos da área, e por isso a professora aborda e realiza tal prática dando ênfase a aspectos como consciência corporal, trajetórias no espaço (até mesmo pensando em trajetórias coreográficas de algum trabalho já montado), lateralidade, melhora nas relações interpessoais e, por consequência, maior engajamento nas atividades colaborativas. Em casa, na família, pode ser um momento de descontração ou uma alternativa para explicar aos(às) familiares como as aulas de dança podem ultrapassar a reprodução de passos e sequências coreográficas. Transformando o espaço da casa, corredores viram ruas e móveis devem ser desviados, assim como obras na pista, e os(as) participantes passam a ver a sua moradia não apenas de modo visuoespacial, mas potencializando os sentidos integralmente.

Conexão corpo-outro-espço – Prof^a Carolina Pinto

Em um primeiro momento, solicita-se que os(as) alunos(as) caminhem pelo espaço a fim de buscar uma espécie de concentração cênica, pedindo que percebam o lugar, seu tamanho, os espaços criados com os outros corpos e os espaços vazios. Logo após, propõe-se que realizem variações de deslocamentos pelo espaço: caminhar em várias velocidades, planos e direções, com a atenção em ocupar os espaços vazios. Num segundo momento, solicita-se que façam pausas e voltem a caminhar aleatoriamente. Quando um(a) aluno(a) para, todos(as) devem parar também. Ou seja, qualquer participante produz a pausa e qualquer outro rompe-a. A ideia é que se conquiste uma conexão entre o grupo, em que não se percebe quem iniciou e quem rompeu a pausa, sendo a regra principal da atividade a percepção de seu campo de visão (sem ter que virar o corpo, cuidando o que está acontecendo). Após, além da pausa, acrescenta-se o movimento de agachar; assim, qualquer aluno(a) propõe ir ao chão, e outro(a) rompe voltando a caminhar. Por fim, a professora pode instigar que prestem atenção na velocidade de deslocamento do grupo, acelerando ou desacelerando, com o desafio de a turma manter a conexão sempre. Pode-se iniciar em silêncio e ir introduzindo estímulos musicais aos poucos. Pode-se colocar outras tarefas/desafios para o grupo tentar manter essa conexão, como, por exemplo, quando um(a) aluno(a) propõe a pausa, esse(a) deve realizar uma movimentação repetidamente até alguém romper e voltar ao deslocamento.

Relato docente:

Essa atividade é inspirada no *Viewpoints*, uma técnica já mencionada em atividades anteriores (*Corpos Diversos* e *Labi-*

rinto de Mesas) e que incentiva processos colaborativos de criação por meio de experiências, ideias e intuições, estabelecendo um ambiente de responsabilidades compartilhadas. Vivenciei essa prática na graduação em dança e, posteriormente, passei-a a propor com as alterações necessárias nas instituições em que leciono. Percebi que a ideia de o jogo e o processo de resolução de tarefa/criação estarem conectados com a consciência do outro e com o ambiente estimulava e ampliava o grau de atenção do grupo. No final da graduação, utilizei a técnica para uma montagem de espetáculo em que atuavam alunos-artistas do curso de dança. A maior parte das criações do espetáculo partiu de tarefas em que as(os) bailarinas(os) produziram atividades como essas e que foram sendo transformadas para as composições coreográficas.

Para fazer em casa:

Com o objetivo de, mesmo a distância, trabalhar com um processo colaborativo, investigativo e de conexão da turma, uma ideia interessante seria a experimentação de movimentos em corrente a partir de um estímulo externo que venha do “outro”. A professora deve construir uma ordem de tarefas para cada aluno(a). Por exemplo: um(a) aluno(a) A deve construir uma pequena composição coreográfica que precisa necessariamente finalizar de uma forma determinada pela professora como um movimento no chão com a mão direita para cima. Esse(a) aluno(a) A deve enviar a composição filmada (importante estipular um tempo máximo) ao(à) aluno(a) B, que deve iniciar sua composição igualmente como o(a) aluno(a) A acabou, mas terá sua tarefa de acabar de outra forma (exemplo: em pé com a cabeça voltada para cima). Em resumo, a profes-

sora deve enviar a cada aluno(a): 1. Quem deve seguir; 2. Como deve acabar; e 3. Para quem deve repassar.

Essa ideia tem como referência os vários movimentos artísticos de criação a distância que apareceram no início do isolamento social via Facebook e Instagram, muitos deles envolvendo grupos (de dança ou não) que propõem movimentações em cadeia.⁵ Neles, a conexão estabelece-se algumas vezes com a utilização de objetos que participam como a conexão de uma sequência para outra, e assim as propostas são inúmeras.

Formas geo(crep)cas – Prof^a Débora Souto Allemand

Com um rolo de fita crepe cada aluno(a) vai fazer a construção de um espaço que forme uma figura geométrica fechada, colando a fita no chão (pode-se colar nas paredes e objetos, conforme demanda da turma). Depois que a forma for definida, inicia-se a experimentação de posições corporais na tentativa de encaixar-se de modos diversos dentro desse espaço. A professora pode incentivar o trabalho com níveis espaciais e o uso de partes do corpo no encaixe de cada linha ou ângulo formados pelas fitas. Após um tempo de experimentação na sua própria figura, pode-se fazer um circuito, onde os(as) alunos(as) experimentam as formas geométricas criadas pelos(as) colegas para aumentar suas possibilidades criativas. É possível trabalhar em duplas ou trios, e pode-se incentivar que os(as) alunos(as) desenhem formas geométricas muito pe-

⁵ Uma das propostas pode ser conferida em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/05/iza-tais-araujo-fazem-desafio-viral-de-beleza-natural-a-montacao-video.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996>.

quenas ou com alguma limitação, para que haja uma maior variação de movimentos corporais.

Uma proposta de desdobramento seria o trabalho com composição coreográfica a partir das poses criadas, pensando em trajetórias para a transição entre uma pose e outra. Pode-se pensar também em brincadeiras que acontecem com diferentes qualidades de movimentos quando os(as) alunos(as) estão fora ou dentro das formas geométricas. E ainda, depois de desmanchadas todas as figuras, a professora pode sugerir a experimentação de encaixes entre dois(duas) colegas, onde um(a) faz a pose que foi realizada no momento anterior com a fita crepe e outro(a) “encaixa” seu corpo, imaginando como estaria a fita crepe no entorno daquela pose.⁶

Relato docente:

Eu participei de uma atividade semelhante a essa em um curso do Núcleo Fuga!⁷ Na ocasião, o momento da construção da figura também poderia ser considerado uma experimentação ou experiência estética, já que alguns(mas) colegas estavam sentados(as) olhando os(as) outros(as) finalizarem para utilizar o rolo de fita crepe, algo mais complexo para ser feito com alunos(as) pequenos(as). A proposta do grupo ia além com criações faladas (em tempo verbal de terceira pessoa) e observações em tempo real do espaço da sala. Já quando as proposições foram feitas por mim, uma vez com um grupo de alunos(as) da

⁶ Outro desdobramento possível para essa atividade pode ser acessado em: <<https://www.pequenices.com/post/uma-cidade-em-casa>>.

⁷ O Núcleo Fuga! é um espaço de experimentação transdisciplinar que explora contaminações poéticas entre as linguagens da dança, do teatro e da performance. Faz parte do Grupo de Pesquisa de Poéticas e Educação em Dança e tem sede em Campinas-SP. Ver mais em: <<https://www.gpped.com/copia-nucleo-fuga>>.

graduação em dança e outra vez com um grupo de alunos(as) do 1º e 2º ano do ensino fundamental, os desdobramentos foram diferentes. Aos(às) alunos(as) pequenos(as) eu propus que construíssem o espaço abstrato, e depois eu ia sugerindo que eles(as) imaginassem que estavam em espaços distintos (como a sala de casa, o banheiro, um parque de diversões) e ia dizendo para fazer ações relacionadas a esses espaços, e por vezes a palavrinha mágica “estátua” ajudava a pensar nas poses. Na hora de habitar o espaço do(a) colega, alguns(mas) não se sentiram tão à vontade, especialmente porque as figuras ficaram frágeis (tínhamos pouca área de chão para colar as fitas, então elas ficaram grudadas em pequenas partes nas mesas e cadeiras), e isso dificultava a movimentação.

Para fazer em casa:

Tendo um rolo de fita crepe, a atividade pode ser feita exatamente como em sala de aula. A professora pode gravar um áudio com as instruções, por exemplo, e o(a) aluno(a) pode ir pausando o áudio à medida que vai realizando as etapas: construção da figura, reconhecimento espacial, experimentação de poses, imaginação de espaços reais e realização de ações cotidianas, seleção de algumas poses/ações/movimentos e criação de sequência. Um possível desdobramento seria o(a) aluno(a) fazer uma filmagem dessa sequência (realizando-a de forma pausada passo a passo) e enviar a algum(a) colega, que pode experimentar realizar alguns dos movimentos em espaços de sua casa, por exemplo utilizando os cantos da parede, um espaço mínimo entre a porta e a parede, entre a cama e o armário. A atividade pode ser feita também com giz no pátio de casa, fazendo riscos no chão e apagando com o pé ou deixando a própria chuva fazer esse trabalho.

Dança da geleca – Prof^a Josiane Franken Corrêa

A professora disponibiliza para a turma uma geleca (ou *slime*) ou a própria turma pode produzir suas gelecas caseiras. Em roda, a geleca passa de mão em mão, e a turma vai conversando sobre características dessa materialidade: textura, temperatura, densidade, forma como se movimenta ou pode ser movimentada. Depois de um tempo voltado à percepção sensorial, a geleca é guardada para a continuidade da aula. Ainda em roda, um(a) participante por vez fará de conta que tem a geleca em suas mãos e inventará movimentos provenientes da experimentação anterior. Quando terminar a sua movimentação, passará para o(a) colega do lado, até que todos(as) tenham “manuseado” a geleca invisível. No segundo momento, a geleca imaginária é jogada de um(a) colega a outro(a) sem ordem definida. Nessa parte, é importante o foco do olhar, para que o(a) colega entenda que ele será o receptor da geleca. Com isso cria-se um ambiente de alerta, que pode ser aproveitado para pensar com a turma o estado corporal que ativamos quando estamos em uma ação extracotidiana, uma ação cênica. Pode-se também estimular o exercício com o uso de músicas diversas e orientações dadas pela professora, por exemplo: “a geleca está crescendo”, “a geleca grudou no corpo todo”, etc. No terceiro momento, é a hora de organizar uma sequência de movimentos e repeti-la como em um ensaio de composição coreográfica. Esses movimentos podem ser criados pelos(as) alunos(as) ou pela professora, dependendo da interação da turma.

Relato docente:

Trabalhei com essa atividade em turmas de anos iniciais e finais do ensino fundamental, também com jovens adultos(as)

em oficinas que ministrei e em aulas da graduação em dança. Algo que sempre me surpreende nessa dinâmica é o estado de brincadeira que se instaura com a ideia do “faz de conta”. Geralmente, os(as) participantes que estão iniciando o seu contato com a dança demonstram maior facilidade na criação de movimentos quando associados ao jogo simbólico (faz de conta).

Para fazer em casa:

Pode-se realizar a atividade tal como fazemos em sala de aula, no caso de haver a possibilidade de reunião on-line. Como atividade assíncrona, conta-se com o apoio da família ou o(a) estudante pode realizá-la individualmente. Mesmo se a família não tiver como adquirir ou fazer uma geleca/slime caseira, deve-se atentar ao jogo simbólico, inclusive explorando os espaços disponíveis na casa. A professora poderia fazer um áudio com indicações (tipo áudio-guiado ou áudio-aula) em que orienta a atividade. É importante cuidar para que as informações sejam bastante gerais, ou seja, que possam ser aproveitadas por todos(as) os(as) alunos(as). Exemplo de indicação: “Veja só, a geleca pulou e grudou na porta, tire-a de lá antes que alguém tente abrir a porta!”; “Ufa, você pegou-a todinha! Mas o que está acontecendo? Ela está ficando muito pesada! Você mal consegue carregá-la!”. Pode haver tarefas depois da improvisação por áudio-guiado, como: “Você pode escolher e gravar os quatro movimentos mais legais de sua experimentação e enviar para a *profê* ver?”. Lembrando que todas essas estratégias dependerão da viabilidade que cada contexto oferece para acontecer. É preciso fazer uma pesquisa prévia com os(as) estudantes para saber qual tipo de atividade é viável no seu contexto.

Videoclipes – Prof^a Juliana Coelho

Solicita-se que os(as) estudantes escolham e aprendam três movimentos retirados de algum videoclipe que costumam assistir. Depois, cada participante ensina os seus movimentos ao restante da turma. Assim que todos(as) souberem a movimentação de cada colega, a professora passa a estimular alterações nos movimentos de acordo com o que foi observado no primeiro momento da atividade. Por exemplo: ao perceber que há um predomínio de gestos com os braços, desafia a turma a explorar movimentos com as pernas, e assim há uma “mutação” dos passos originais. Após essa experimentação, professora e estudantes numeram cada movimento criado a fim de fazer um sorteio. Agora, faz-se o sorteio da ordem dos movimentos com papezinhos numerados, que irá gerar uma sequência coreográfica. É possível também dividir a turma em pequenos grupos e fazer sorteios com os mesmos movimentos, ou seja, cada grupo terá uma sequência diferente para ensaiar, porém utilizando os mesmos passos de dança.

Pode-se também trabalhar em duplas e numerar os seis movimentos para serem sorteados com um dado. Joga-se o dado seis vezes, e a sequência pré-concebida é reorganizada conforme a ordem sorteada. Se a ordem for 3, 6, 6, 1, 2, 4, a parte cinco não será dançada, mas a parte seis será repetida duas vezes, por exemplo. Com a mudança de ordem é preciso repensar as ligações entre uma parte e outra e demais elementos coreográficos. É um exercício interessante de reorganização coreográfica e de potencialização da memorização, aspecto fundamental aos praticantes de dança.

Relato docente:

Trabalhei essa atividade com alunos de 9º ano do ensino fundamental, fase em que os alunos se mostram, por vezes, confusos com seus corpos, sentimentos, atitudes. Especificamente com essa turma percebi que, embora alguns tivessem maior proximidade com a dança, ainda que por meio de videocliques, demonstravam ao mesmo tempo timidez ao expor seus movimentos/corpos.

Percebendo que os movimentos retirados de videocliques eram muito semelhantes, pois os(as) alunos(as) tinham basicamente as mesmas referências de danças midiáticas⁸, decidi também levar alguns videocliques para a exploração da proposta. Escolhi, no caso, trabalhos de *Florence and the Machine*, *Beyoncé*, *Madonna* e outros que evidenciam o papel da mulher em cena. A atividade acabou se desdobrando e possibilitou discutir com a turma questões relacionadas ao feminismo, mesmo que esse não fosse o objetivo inicial da proposta. Por fim, foi organizada uma coreografia para o trabalho em sala de aula.

Para fazer em casa:

Como possibilidade do ensino não presencial, a atividade pode ser realizada de forma a estimular a criatividade e desafiar os alunos em momentos em que não podemos estar juntos presencialmente. Assim como na atividade presencial, a professora deve solicitar que o aluno busque três movimentos de um videoclipe e, por meio de reunião on-line com a turma,

⁸ Aqui entende-se por “danças midiáticas” aquelas propagadas por meios de comunicação, especialmente em canais na internet e televisão. Pode-se saber mais sobre o assunto através do artigo de Airton Tomazzoni, disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18465>>.

escolha ou sorteie alunos que compartilharão com os colegas os movimentos que foram selecionados. Todos os alunos mostrarão os movimentos selecionados, mas em encontros diferentes; com a mediação da professora a turma pode explorar a transformação dos gestos iniciais através da exploração de qualidades de movimento. Algo que pode embasar a busca dos videocliques é a escolha de um tema em comum e, quando todos tiverem aprendido e ensaiado os seus movimentos e os de seus colegas, pode-se pensar na edição de um videoclipe da turma.

Olhando de perto tem dança – Prof^a Giovana Consorte

Cada sujeito deve encontrar uma forma de posicionar as mãos em relação aos olhos, de modo que seja possível ver o espaço apenas por uma pequena fresta entre os dedos. Esse recorte visual orientará toda a atividade. Uma vez posicionado esse “filtro” manual, os(as) alunos(as) devem andar pela sala lançando olhares dançantes a esses pequenos recortes visuais, buscando a poesia do que não deveria estar ali: rachaduras, manchas, furos, marcas nas paredes ou piso. Essa pesquisa imagética deve demorar um tanto, enquanto a professora orienta a busca para o detalhe do espaço sugerindo mudanças de perspectivas: olhar para o teto, olhar de perto, olhar mais distante, olhar de cabeça para baixo, etc. Esse exercício lança um olhar para o espaço, buscando a poesia das pequenas formas, despertando no(a) aluno(a)-pesquisador(a) uma curiosidade distinta que aponta para onde normalmente nossos olhos não se voltam. Após esse primeiro momento, os(as) alunos(as) deverão criar uma pequena composição motivada pelas imagens captadas através do “filtro” das mãos, inserindo a ideia de detalhe

também no movimento do corpo, seja em toda a movimentação ou em parte dela. A movimentação pode inspirar-se nas linhas que foram vistas, na sensação despertada no corpo, no desconforto causado pelo olhar restrito e em tudo aquilo que tiver sentido para o(a) aluno(a)-pesquisador(a). Do mesmo modo que essa experiência busca olhar para os detalhes no espaço, a composição criada deve encontrar silhuetas outras, talvez não humanas. Sutilezas do movimento que valorizem a movimentação de partes do corpo por vezes esquecidas – dedos, escápulas, olhos, rosto, língua, etc. –, mas extremamente potentes para a composição em dança.

Relato docente:

Eu já realizei essa atividade com adolescentes e adultos(as), mas acredito que seja possível realizá-la também com crianças, adaptando a condução da professora em direção a uma produção mais leve. É interessante propor um espaço de conversa onde os(as) alunos(as) compartilhem suas tramas de pensamento e impulsos eleitos para a elaboração do movimento. É muito rico ver como diferentes pessoas podem ressignificar o mesmo espaço a partir de suas leituras sensíveis. Essa atividade costuma incentivar os(as) alunos(as) a construir produções bastante distintas, experimentando uma investigação de movimento não convencional tanto em seu motivador criativo como em seu resultado dançante.

Para fazer em casa:

A atividade deve ser realizada individualmente, e o “filtro” das mãos será substituído pela proximidade do registro de vídeo. A ideia é que cada sujeito explore seus ambientes fil-

mando os elementos bem de perto, com foco nos detalhes e mote de pesquisa amparado em três indicações: 1. buscar a poesia do que não deveria estar ali, como rachaduras, manchas, furos, marcas nas paredes ou piso; 2. usar o movimento do celular para deixar o vídeo mais dinâmico – filmar na vertical, alternar para horizontal, inverter o chão e o teto, rodar a câmera, etc.; 3. usar alguma imagem de si para fazer uma intervenção no vídeo, seja através de sua sombra, reflexo em superfícies brilhantes ou água, recortes de movimento do próprio corpo, etc. Toda a investigação deve ser feita buscando trazer para o vídeo uma partilha sobre detalhes. Esses vídeos podem ser vistos por toda a turma, promovendo um diálogo sobre motivações, invenções e dificuldades dos(as) alunos(as). Desse ponto em diante poderão ser produzidas pequenas sequências de movimentos, motivadas pela poesia do registro de vídeo.

O que eu vejo de você – Prof Jeferson de Oliveira Cabral

A proposta envolve dois(duas) estudantes, posicionados(as) um(a) de frente para o(a) outro(a), e os(as) espectadores(as), que assistem a seu desenrolar. Os(as) participantes respiram juntos(as) algumas vezes e conectam seus olhares. O foco do exercício, que se alterna entre os(as) parceiros(as) de dupla, é narrar, verbalizar o que se vê no(a) colega que está à sua frente, podendo olhá-lo(a) de cima a baixo, sem preocupação com o tempo. Nessa primeira etapa só podem ser ditos os elementos reais que compõem visualmente a pessoa, como por exemplo: cabelos crespos, pele negra, vestindo camiseta roxa. Na segunda etapa, a atividade é repetida numa visão imaginária, não ligada à realidade, como, por exemplo, a pessoa estar com um

cabelo de lírio azul. Em outro momento, os(as) mesmos(as) participantes são questionados(as) sobre a primeira vez em que se viram, podendo basear-se na realidade ou na ficção. Como desdobramento da atividade, as duplas podem cessar a troca verbal das características e assim iniciar uma transposição delas para movimentos corporais. Um exemplo seria realizar movimentos ondulados se o(a) colega narrou nosso cabelo crespo ou imaginar-se dançando num lugar florido com céu azul para traduzir uma característica como lírio azul. Outra possibilidade de criação de movimentos seria utilizar a proposta Dance o Poema, atividade que vem a seguir.

Relato docente:

Nas vezes em que propus essa atividade no ensino fundamental, percebi que ela tende a tornar-se cada vez mais abstrata, evidenciando o imaginário de cada um(a) e a poesia da interação entre a dupla. Para quem assiste pode ser um grande presente ver seus colegas a partir de características pessoais reais adentrar um universo ficcional. Contudo os alunos podem decidir somente por histórias reais, fixadas na relação dos alunos que estão realizando a atividade.

Para fazer em casa:

Em contexto de ensino remoto, a atividade poderia ainda acontecer em duplas através de uma reunião on-line. A professora poderia solicitar que apenas os(as) dois(duas) participantes permanecessem com as câmeras ligadas e ir provocando as pessoas a vivenciar o exercício de descrição de características. Ousando um pouco mais, poder-se-ia trabalhar com vídeo, descrição em texto e movimento, ou seja, uma pessoa pode

ser aquela que será observada, outra pode ser aquela que descreve em formato de texto no *chat* e outra pessoa, ainda, poderia dançar apenas a partir do que foi escrito, sem nem saber qual colega foi observado(a). Outro possível desdobramento seria os(as) alunos(as) fazerem edições de vídeo ou de imagem alterando as características corporais do(a) colega.

Dance o poema – Prof^a Josiane Franken Corrêa

Um poema pode servir de estímulo para o trabalho com dança de várias formas. Uma opção é estudar diferentes maneiras de pronunciar o poema, levando em consideração tom e volume da voz, velocidade, relação entre som e silêncio, além de outros aspectos. Inicialmente, é interessante buscar formas de preparação vocal para essa atividade. Depois de um tempo de experimentação vocal com qualidades e formas diversas, pode-se colocar uma sequência coreográfica no ritmo e nas qualidades sonoras do poema, utilizando as escolhas vocais para as escolhas de movimento. Por exemplo, se o poema for pronunciado de forma vigorosa e rápida, o movimento pode ser realizado com força e rapidamente ou pode justamente contrapor as características da fala, sendo um movimento suave e lento. Há um momento de pausa entre as frases? Faz-se uma pose (estátua) até o poema voltar a ser recitado, e assim por diante. As regras podem ser construídas com a turma. Outra ideia é ter um poema como base para a criação coreográfica. Para cada palavra do poema cria-se um gesto, que pode expressar de forma literal ou não o sentido da mesma.

Relato docente:

A atividade aqui proposta é uma adaptação de exercícios desenvolvidos pela professora e coreógrafa Berê Fuhro Souto⁹ (*in memoriam*) no Projeto Palavra Coreografada em Pelotas/RS. Foi a partir dos estudos práticos realizados com Berê, nos quais desempenhei as funções de bailarina e coreógrafa, que passei a elaborar exercícios para serem utilizados nas aulas ministradas por mim em diferentes ambientes de ensino. Como professora de dança, realizei a atividade descrita nos anos finais do ensino fundamental em *workshops* acerca do ensino de dança e que abordavam o legado do trabalho de Berê. Considero que um dos maiores desafios dessa proposta é o trabalho com a utilização da voz, levando em consideração que, em alguns espaços de ensino de dança, este aspecto é pouco desenvolvido. Por isso, é responsabilidade da professora promover o estudo e a compreensão da voz como fonte sonora para a criação em dança. Se a escola contar com professora de música ou teatro, pode-se fazer uma ótima parceria no desempenho dessa atividade. A parte mais surpreendente, para mim, é como o estímulo e o foco no som da voz proporcionam um entendimento mais integral das qualidades de movimento, tornando o exercício um modo de exploração da expressividade do corpo através da dança.

Para fazer em casa:

Se os(as) alunos(as) não tiverem acesso à internet, a professora pode disponibilizar a descrição das atividades com os

⁹ Para saber mais sobre o trabalho da coreógrafa Berê Fuhro Souto, ver texto disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/513>>.

materiais necessários – no caso, os poemas – para os(as) estudantes ou familiares buscarem na escola. Com acesso à internet, é possível procurar artistas na rede recitando poemas ou outros tipos de texto e criar movimentos a partir da letra¹⁰ ou do som. Os(as) estudantes podem também criar seus próprios poemas ou *slams*¹¹, recitá-los ao mesmo tempo em que dançam, ou gravar primeiramente o texto para depois usá-lo na composição gestual.

Cores e colares na composição em dança – Prof. Manoel Gildo Alves Neto e Profa. Karen Tolentino de Pires

Para iniciar a atividade, é preciso ter disponível linha e miçangas de, no mínimo, quatro cores (para que o experimento tenha variedade em termos de movimento), sendo elas de formatos e/ou tamanhos variados. A atividade é composta de seis momentos, aqui chamados de movimentos:

1º movimento: O grupo deve decidir, coletivamente, as características e significados de cada uma das cores presentes nas miçangas, definindo o que elas expressam em termos de sentimento e/ou sensação. Porém as respostas acerca do que cada cor representa não precisam ser uníssonas. Por exemplo: vermelho – intensidade, força, sangue, paixão; branco – paz, imensidão, nada, pureza.

¹⁰ Para pesquisar com a turma: Macarenando Dance Concept (Porto Alegre/RS) é uma iniciativa cultural que desenvolve projetos mesclando dança, humor e cultura *pop*, e um desses projetos é “Dance a Letra”, que consiste em criar danças a partir da mímica de letras de músicas famosas. Veja em: <<http://www.macarenando.com.br>>.

¹¹ Sugere-se a leitura dessa reportagem sobre o significado cultural dos *slams* na escola: <<https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/>>.

2º movimento: Os(as) alunos(as) organizar-se-ão em grupos com número mais ou menos igual de participantes. Cada grupo deve produzir um colar que tenha, no mínimo, quatro cores, e a ordem das cores no colar deverá ser definida pelos(as) integrantes do grupo.

3º movimento: Cada pessoa do grupo deve escolher uma cor e criar movimentos corporais que traduzam os sentimentos, significados e/ou sensações atribuídas coletivamente à cor escolhida. Sugere-se que o grupo encontre uma forma de notação para os movimentos criados. Exemplo 1: azul – erguer os braços pela lateral lentamente + cruzar os braços rapidamente à frente do umbigo; Exemplo 2: movimentar os braços como se fossem uma espada, às vezes lenta, às vezes rapidamente.

4º movimento: O grupo deverá organizar os movimentos de dança em uma sequência coreográfica de acordo com a ordem das cores do colar.

5º movimento: Cada grupo poderá apresentar sua composição ao coletivo ordenadamente, até que todos tenham tido sua vez de apresentar.

6º movimento: A professora pode incentivar os(as) estudantes a refletir criticamente sobre a dramaturgia das composições a partir da leitura das cores de cada colar.

Para uma aproximação real da atividade com as culturas negras, o(a) professor(a) pode buscar conhecer mais sobre as mitologias africanas, amplamente difundidas no Brasil pelas comunidades negras afrodiáspóricas, que podem servir de ferramenta para auxiliar os(as) alunos(as) a traduzir as características e significados de cada cor em movimento. Uma das possibilidades é buscar aprender mais sobre os *orixás*, reorganizada no Brasil a partir das Comunidades Tradicionais de Terreiro. Esse aprendizado pode acontecer de forma oral (fonte primária

ria de referências sobre a mitologia dos *orixás*) em interlocução com as comunidades de terreiro¹². Em um primeiro momento, pode limitar-se a conhecer sobre as cores que representam cada um dos orixás e as características arquetípicas e/ou mitopoéticas de referência iorubana. É importante que a professora, mesmo não sendo adepta da religião de matriz africana, faça esse deslocamento epistêmico. Em caso de dificuldades para encontrar tais referências, podem ser utilizadas referências literárias que, de maneira criteriosa, possam vir a auxiliar no entendimento acerca do tema. Tomaremos as cores como símbolos de cada orixá, que será referenciado no processo criativo desde as características e elementos da natureza. Por exemplo: o *orixá Exú* tem como características ser comunicativo, brincalhão; as cores que o representam são o vermelho e o preto; e os elementos característicos desse *orixá* são as encruzilhadas. Já a *orixá Iansã/Oyá* tem como características ser guerreira, empoederada, os ventos e as tempestades. Como traduzir em movimento as encruzilhadas, o vento e as tempestades?

Relato docente:

Essa atividade foi realizada em 2019 em uma ação artístico-pedagógica extensionista do Projeto Unificado Dança no Bairro da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). Foi promovida como atividade extracurricular aberta e gratuita para crianças e adolescentes de 9 a 15 anos de idade, regularmente

¹² Convencionou-se chamar de “Terreiro”, “Ilê”, “Roça”, “Unzo”, “Abassá”, entre outras denominações, para referir-se ou autoreferir-se às comunidades tradicionais, formadas por povos oriundos de diferentes contextos africanos, bem como oriundas da interação entre os povos africanos e os povos originários. Configuram-se como importantes polos irradiadores da cultura africana nos territórios da diáspora, pois se constituem a partir da preservação, articulação e transformação dos valores civilizatórios de povos tradicionais de matriz africana.

matriculados(as) no Colégio Estadual Félix da Cunha (Pelotas/RS). O processo criativo foi desenvolvido a partir do convite da direção da escola para participarmos da atividade de encerramento do ano letivo. A produção do figurino contou com auxílio da acadêmica do curso de Dança-Licenciatura (UFPeI) e *designer* de moda (UCPeI) Ludmila Coutinho e foi confeccionado pela técnica em figurinos do Centro de Artes (UFPeI) Larissa Tavares. Um dos momentos marcantes aconteceu após a estreia da coreografia na semana do Dança em Processo (UFPeI)¹³, quando as intérpretes-criadoras apenas se abraçaram em cena, saltitantes, comemorando a estreia da coreografia. A alegria pulsando e fugindo das normas “coloniais” que impõem uma presença nada espontânea de crianças que só querem se divertir e comemorar os feitos que as alegram.

Para fazer em casa:

A atividade pode ser realizada em casa, de maneira assíncrona, praticamente igual à modalidade presencial. A professora pode enviar as instruções por áudio aos(as) estudantes ou mesmo em formato de texto, em estudo dirigido.

O 1º movimento é a divisão em grupos; cada aluna(o) deve criar um colar, que pode ser feito com miçangas, botões, tampas de garrafa pet ou bolinhas de papel, utilizando mais ou menos quatro cores definidas pelo grupo, para que tenhamos diversidade em termos de movimento.

No 2º movimento, a professora pode enviar a seguinte indicação ao grupo: “Cada cor representa algo, um sentimen-

¹³ “Dança em Processo” é uma programação organizada pelo Colegiado do Curso de Dança-Licenciatura da UFPeI, em que são apresentadas coreografias fruto dos componentes curriculares voltados ao desenvolvimento de processos criativos, apresentação de relatos de estágio e apresentação de TCC’s I e II.

to, uma sensação. O grupo deve enviar um áudio ou escrever os significados de cada cor, o que elas expressam em termos de sentimento e/ou sensação”.

A instrução para o 3º movimento é “cada integrante do grupo deve escolher uma cor e criar uma sequência de movimentos que expressem os significados atribuídos pelo grupo à cor”.

No 4º movimento, o grupo deve dividir os integrantes pelas cores escolhidas. Cada integrante do grupo deverá gravar um vídeo, apresentando o movimento respectivamente criado para representar a cor. No vídeo, a(o) aluna(o) deve dar sinais visuais através de figurino ou acessórios sobre a cor escolhida; esse vídeo deverá ser enviado à professora.

Já no 5º movimento, a professora pode indicar que as(os) alunas(os), após definirem qual movimento representa cada cor, escrevam ou enviem áudio descrevendo o movimento.

Em seguida, o 6º movimento será para organizar a sequência de movimentos; o grupo deverá organizar a sequência de movimentos e a organização das cores no colar criado no primeiro momento. Na sequência, cada integrante do grupo deve gravar toda a composição em vídeo e enviar à professora.

E, por fim, o 7º movimento tem foco no exercício de fruição e descrição (áudio ou escrita) das representações, sentimentos e sensações identificadas nas composições coreográficas dos outros grupos. Pode acontecer como roda de conversa em aula on-line síncrona, em que a professora propõe que cada grupo ou indivíduo compartilhe suas impressões, ou como atividade assíncrona, em que cada indivíduo ou grupo compartilha um áudio, referindo-se a cada performance desenvolvida no processo artístico-pedagógico.

No final, os colares poderão ser desfeitos e reorganizados, trabalhando outras possibilidades de realizar a coreografia.

Referências

BOGART, Anne; LANDAU, Tina. **O livro dos *viewpoints***: um guia prático para *viewpoints* e composição. Tradução: Sandra Meyer. São Paulo: Perspectiva, 2017.

FERREIRA, Taís; FALKEMBACH, Maria Fonseca. **Teatro e Dança nos anos iniciais**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

GRUPO DE PESQUISA DE POÉTICAS E EDUCAÇÃO EM DANÇA. **Núcleo Fuga!** Disponível em: <<https://www.gpped.com/copia-nucleo-fuga>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

GUIMARÃES, Miriam; ALLEMAND, Débora. Berê Fuhro Souto: Pilates e Palavra Coreografada. In: **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, p. 113-125, ano 19, nº 37, Janeiro/Março. Disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/513>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

MACARENANDO. Disponível em: <<http://www.macarenando.com.br/site/>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

PROFS. **O que é slam? Poesia, educação e protesto**. Disponível em: <<https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

PEQUENICES: ARTE E EDUCAÇÃO. Disponível em: <<https://www.pequenices.com/post/uma-cidade-em-casa>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

TOMAZZONI, Airton. Lições de dança na mídia. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 38, n.1, p. 77-86, 2015. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18465>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

UNIVERSA. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/05/iza-tais-araujo-fazem-desafio-viral-de-beleza-natural-a-montacaovideo.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996>. Acesso em: 12 ago. 2020.